

## PRAÇA GUILHERME DE ALMEIDA

Decreto nº 3471 de 29-08-1969

Formada pelo quarteirão que complementava o antigo Largo do Rosário.

Situada na praça delimitada pelas ruas Regente Feijó e General Osório e avenidas Francisco Glicério e Dr. Campos Sales Centro

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Orestes Quéricia.

## GUILHERME DE ALMEIDA

Guilherme de Almeida nasceu em Campinas a 24-julho-1890 e faleceu em São Paulo a 11-julho-1969. Era filho de Estevam de Araújo Almeida e Angelina de Andrade Almeida e foi casado com Belkiss Barrozo do Amaral com quem teve um filho: Guy Sergio Haroldo Estevam Zózimo Barrozo de Almeida. Estudou nos colégios São Bento e do Carmo, ingressando depois na Faculdade de Direito de São Paulo, por onde se bacharelou em 1912. Morou algum tempo em Mogi Mirim. Chegou a advogar com seu pai, porém sua vocação eram as letras. Foi redator de "O Estado de S. Paulo" com uma coluna de crítica de cinema. Trabalhou no "Jornal de São Paulo" e por muito tempo foi diretor da "Folha da Manhã". Foi secretário do Conselho Estadual de Bibliotecas e Museus e Diretor do Departamento de Cultura do Estado de São Paulo. Presidiu a Comissão dos Festejos do IV Centenário de São Paulo, em 1954, foi presidente da Associação Paulista de Imprensa, pertenceu à Academia Paulista de Letras e Academia Brasileira de Letras. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Union Cultural Universal de Sevilha, do Seminário de Estudos Galegos de Santiago de Compostela e muitos outros. Era portador da Ordem de Cristo e da Ordem de Santiago da Espanha, ambas de Portugal. Foi eleito "Príncipe dos Poetas Brasileiros" em 1958, sucedendo a Olegário Mariano, por concurso patrocinado pelo "Correio da Manhã", do Rio. Profundo conhecedor de heráldica, de parceria com José Washt Rodrigues, foi o responsável pelo brasão da cidade de São Paulo. Fez muitos outros brasões e emblemas. Seu nome figura na galeria da revolucionária "Semana da Arte Moderna" de 1922. Durante a Revolução Constitucionalista de 32 compôs poesias, poemas, crônicas e hinos épicos. São desta data "Nossa Bandeira", "Moeda Paulista", "Oração Ante a Última Trincheira" e "Credo". As palavras constantes do Mausoléu do Soldado Constitucionalista de 32, em Campinas, são de sua autoria. Foi o autor das letras do Hino do Expedicionário Brasileiro. Entre outros, publicou os livros de poesias: "Nós", "Messidor", "A Dança das Horas", "Você", "Encantamento", etc. Em prosa desta cam-se: "Théâtre Brésilien", "Natalika", "Gente de Cinema", "O Meu Portugal", "A Casa". Publicou também duas teses de concurso e traduziu: "Eu e Você" de "Toi e Moi" de Paul Gerald, "Gitanjali" e "O Jardineiro" de Rabindranath Tagore, "Poetas de França", Suite Brasileira.

RUA GUILHERME DE ALMEIDA

Decreto nº 7325 de 24-08-1982, Artigo 1º, Inciso II

Formada pela rua 7 do Jardim Conceição

Início na rua Reinaldo Alves Ferreira

Término na junção das ruas Michel Fares e João Ma-

ria Batista

Jardim Conceição

Distrito de Souzas

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal de  
Campinas José Nassif Mokarzel. Protocolado nº 32.204 de 19-10-1981  
em nome de Comissão de Nomenclatura de Vias e Logradouros Públicos

## PRAÇA GUILHERME DE ALMEIDA



**DECRETO N.º 3471 DE 29 DE AGOSTO  
DE 1969**

**Dá o nome de "Guilherme de Almeida" à  
uma praça da cidade**

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições de seu cargo e de acordo com o item XX, do artigo 25 da lei n. 9842 de 19 de setembro de 1957 (Lei Orgânica dos Municípios),

**DECRETA:**

Artigo 1.º — Fica denominada "Praça Guilherme de Almeida", a praça delimitada pelas ruas Regente Feijó e General Osório, Avenida Francisco Glicerio e Avenida Dr. Campos Sales.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 29 de agosto de 1969

(a) DR. ORESTES QUERCIA

Prefeito de Campinas

(a) DR. LAURO PERICLES GONÇALVES

Secr. dos Negócios Jurídicos

Publicado no Serviço de Expediente do Gabinete do Prefeito, na mesma data.

(a) GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE

Chefe do Gabinete



DECRETO N.o. 7325 DE 24 DE AGOSTO DE 1.982.

**DÁ DENOMINAÇÃO A VIAS PÚBLICAS DO DISTRITO DE SOUSAS.**

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto - lei Complementar Estadual N.o. 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios),

**DECRETA:**

Artigo 1o. - Ficam denominadas as seguintes vias públicas do Distrito de Sousas:

I - RUA JOÃO PUGGINA a Rua 6 do Jardim Conceição, com início na Rua Reinaldo Alves Ferreira e término na Rua 19 do mesmo loteamento;

II - RUA GUILHERME DE ALMEIDA a Rua 7 do Jardim Conceição, com início na Rua Reinaldo Alves Ferreira e término na junção das Ruas 11 e 19 do mesmo loteamento;

III - RUA DOM PEDRO II a Rua 9 do Jardim Conceição, com início na Avenida Dr. Antonio Carlos Couto de Barros e término na Rua 14 do mesmo loteamento.

Artigo 2o. - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 24 de Agosto de 1.982.

**DR. JOSÉ NASSIF MOKARZEL**  
Prefeito Municipal

**DR. JOÃO BAPTISTA MORANO**  
Secretário dos Negócios Jurídicos

**ENGO. ISTAMIR SERAFIM**  
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.o. 32204, de 19 de outubro de 1981, em nome da Comissão de Nomenclatura de Vias e Logradouros Públicos, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 24 de agosto de 1982.

**LUIZ CARLOS MOKARZEL**  
Secretário- Chefe do Gabinete

PRAÇA GUILHERME DE ALMEIDA

POETAS PAULISTAS

## GUILHERME DE ALMEIDA, UM POETA INTIMISTA E DELICADO

"Quando uma nuvem nomade distila  
gotas, roçando a crista azul da serra,  
umas brincam na relva; outras, tranquilas  
serenamente entranham-se na terra.

E a gente fala da gotinha que erra,  
de folha em folha e, tremula, cintila,  
mas que nem se lembra da que o solo encerra,  
da que ficou no coração da argila!

Quanta gente, que zomba do desgosto  
nuado, da angustia que não molha o rosto  
e que não tomba, em gotas, pelo chão,

havia de chorar, se adivinhasse  
que há lágrimas que correm pela face  
e outras que rolam pelo coração!

"Dor oculta" é o nome  
deste soneto que lembra  
um pouco o "Mal secreto"  
de Raimundo Correia.

"O sr. Guilherme de Almeida, no requinte de sua personalidade, reviveu em São Paulo, a poesia de Paul Gerald, a que acrescentou, com galanteria notas pessoais" — diz Jaime de Barros.

Guilherme de Almeida não se perturba muito com a sociedade. Sua poesia, não raro, é daquela que se lê de olhos semi-cerrados em ambiente velado por tonalidades suaves. As vezes, sutil, "raffinée", com um perfume do passado e uma sutileza do presente, mas sempre cheia de acentos musicais e luminuras coloridas de nossa sentimentalidade bem brasileira.



Guilherme de Almeida

Quanto de cada um de nós há nestes versos do soneto XXXII, de "Nós", ao recordar:

"Quando a chuva cessava e um vento frio  
Franzia a tarde tímida e lavada,  
eu saía a brincar, pela calçada,  
nos meus tempos felizes de menino.

Fazia de papel, toda uma armada,  
e, estendendo o meu braço pequenino,  
eu soltava os barquinhos sem destino,  
ao longo da sargeta, na enxurrada.

Fiquei moço. E hoje sei, pensando neles,  
que não são barcos de ouro os meus ideais:  
são feitos de papel, são aqueles,

perfeitamente, exatamente iguais...  
Que os meus barquinhos, lá se foram eles!  
Foram-se embora e não voltaram mais!"

Versos de imagens delicadas, espontaneas, perpassadas pela saudade densos de intimismo evocativo e levemente reflexivos. "Para ele, tudo é poético, é materia de poesia. Não tem medo de nenhum assunto. O que vive, respira, cresce, floresce, o que é natural, o que é humano, belo ou não tudo é dele" — diz Agripino Grieco. O que mais importa para este poeta de grande inspiração, para este

lirico dos mais lidos do Brasil, de hoje, é a nossa natureza, com os nossos sentimentos e alma nacional fragante, sem teorias

Por  
DANTE ALIGHIERI VITA  
(Do Instituto Historico e  
Geografico de S. Paulo)

pretenciosas ou atitudes preconcebidas, mas, falando assim:

"e esta terra trigueira cheirosa como um fruto:  
este grande ocio verde isto tudo isto tudo  
que um deus preguiçoso e lirico me deu  
se não é belo é mais do que isso — é meu".





As características mais notáveis da poesia de Guilherme de Almeida são a doçura, o intimismo, a mavidiosidade. Não raro, gosta também de fazer jogo de palavras e ritmos, com excelentes efeitos musicais e plásticos. Se há no meio dos seus versos uma espécie de poesia mestiça, de linguagem metafórica, num clima de "blue" dos negros de-permeio ao desvario dos coloristas de ídolos selvagens, há também a finura dos europeus que vieram até aqui. E' um dos intérpretes mais perfeitos

de nossa alma, do subconsciente nacional.

Musical e sutil, dominando sem esforço a técnica do verso, Guilherme de Almeida tem feito o que quer da poesia, no poema "Raça" por exemplo, libertado da estatuária clássica, reflete o que há de mais ingênito em nossa índole sul-americana. Parnasiano, simbolista, modernista, mas, não raro, fundindo pela técnica e sensibilidade as três tendências, como se vê na dialética desta poesia cheia de visos filosóficos:

*"Um sabio me dizia: "Esta existencia não vale a angustia de viver. A ciencia, se fossemos eternos, num transporte de desespero, inventaria a morte!  
Uma celula organica aparece no infinito do tempo: e vibra e cresce, e se desdobra, e estala num segundo...  
Homem, eis o que somos neste mundo!"*

*Falou-me assim o sabio e eu comecei a ver, dentro da propria morte, o encanto de morrer.  
Um monge me dizia: "O mocidade, és relampago ao pé da eternidade!  
Pensa: o tempo anda sempre e não repousa, Esta vida não vale grande coisa...  
Uma mulher que chora, um berço a um canto, O riso, às vezes, quase sempre o pranto...  
Depois, o mundo, a luta que intimida...  
Quatro cirios acesos — eis a vida!"*

*Isto me disse o monge e eu continuei a ver dentro da propria morte, o encanto de morrer.*

*Um pobre me dizia: "Para o pobre a vida é o pão e o andrajo vil que o cobre Deus?... Eu não creio nessa fantasia;  
Deus me dá fome e sede cada dia, mas nunca me deu pão nem me deu agua...  
Nunca! Deu-me a vergonha, a infamia, a magua De andar de porta em porta esfarrapado...  
Deu-me esta vida: um pão envenenado!"*

*Disse-me isto o mendigo, e eu continuei a ver, dentro da propria morte, o encanto de morrer.*

*Uma mulher me disse: "Vem comigo! Fecha os olhos e sonha, meu amigo! Sonha um lar, uma doce companheira que queiras muito e que também te queira...  
Um telhado, um penacho de fumaça, cortinas muito brancas na vidraça,  
Um canario que canta na gaiola...  
— Que linda vida lá por dentro rola!"*

*Pela primeira vez eu comecei a ver dentro da propria vida, o encanto de viver!"*

Não há dúvida. Cada um vê a vida de acordo com o seu ponto de vista, de acordo com a sua concepção moral ou filosófica, de acordo com a sua experiência, temperamento e condição. Versos como "Esta vida" respondem em parte ao autor de "Poetas do Brasil" ao dizer que Guilherme de Almeida "é o poeta das mocinhas românticas, escrevendo com punhos de renda, falando sempre em lampadas veladas, em sacadas idílicas, em "retângulo" azul de uma janela", onde se do-  
bram as palidas Julietas".

—o—

Guilherme de Almeida nasceu em Campinas, a 24 de julho de 1890. Estudou no Colegio São Bento e no Carmo, formando-se pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1912. Morou algum tempo em Mogi Mirim. Foi redator do "Estado de São Paulo" criando a coluna de critica cinematografica. Foi secretario da Escola Normal da Praça. Pertence à Academia Paulista de Letras, ocupando a vaga de seu pai dr. Estevão de Almeida, assim como na Academia Brasileira de Letras na de Amadeu Amaral. E' membro do Instituto Historico e Geografico de São Paulo. E' um dos revolucionarios da poesia brasileira. Seu nome, ao lado de Graça Aranha, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho e Menotti del Picchia, figura na galeria da "Semana da Arte Moderna" de 1922.

Foi muito tempo diretor da "Folha da Manhã" e da "Folha da Noite". Secretario do Conselho Estadual de Bibliotecas e Museus.

Escreveu: "Nós", "A Dança das Horas", "Messidor", "Livro de Horas de Soror Dolorosa", "Era uma vez", "Você", "A Flauta que eu perdi", "Meu", "Encantamento", "Raça", "Simplicidade". Em prosa: "O Sentimento Nacionalista da Poesia Brasileira", "Ritmo, elemento de expressão".

Traduziu: "Poetas de França", "Eu e você" e "O Jardineiro".

Escreve atualmente delicadas crônicas no "Diário de São Paulo".

E' um dos diretores do Departamento de Cultura do Estado de São Paulo.

O leitor de sensibilidade delicada, fina, que não aprecia sensações fortes, mas a confiança intimista, espiritual, terá sempre em Guilherme de Almeida o seu grande poeta.

anpv/09/83



# Guilherme e as andorinhas



... PARA UMA ALMA  
... PRIMEIRO VERSO"  
... MINHA  
... PARA SER NOS  
(GUILHERME DE ALMEIDA)

Na primeira página de um dos seus primeiros livros, ele escreveu "O pequenino livro, em que me atrevo a mudar numa trêmula cantiga todo o nosso romance, ó minha amiga, será mais tarde o nosso eterno enlevo".

Guilherme foi sempre assim. Lírico, romântico, fazendo suspirar muitos corações:

"Suspirando pela minha vida,  
pulsa, em teu peito,  
o coração risonho  
Sonhamos. Quando um dia,  
eu for velhinho,  
hei de encontrar-te velha,  
no caminho...  
e juntos, cambaleando,  
aos solavancos,  
nós levaremos,  
pela tarde calma.  
Toda uma primavera  
dentro da alma,  
todo fim inverno de  
cabelos brancos..."

Nasceu em Campinas, participou do movimento renquador que sacudiu nossas letras em 22, foi soldado em 32, pertenceu à Academia Brasileira de Letras e faleceu em 69.

Seu primeiro soneto: "Beijos".

Não queres que eu te beije...  
e o beijo é a própria vida,

a invenção mais sublime  
e bela do Senhor.

É o fogo em que abrasa  
uma alma à outra unida,  
é o prologo e também  
o epílogo do amor!

"Em Campinas existe brisa perfumosa de cultura intelectual, cuja permanência de odor é devida ao tradicionalismo da cidade. Quando o forasteiro salta naquela terra ateniense, sente que, ao derredor de si alguma coisa de idealístico paira acima da atmosfera urbana. Nos rincões floridos, nos velhos templos de escultura interna formosíssima, no asseio da cidade, na beleza espiritual dos seus habitantes, percebe-se a alma artística que ilumina o povo fortunoso, irmão de Carlos Gomes".

Foi com essas palavras iniciais em um artigo sob o título de As Andorinhas de Campinas que uma das figuras mais brilhantes da Academia Brasileira de Letras saudou nossa terra. É ele, A. Austragésilo.

Mas, não foi para escrever sobre as andorinhas que por aqui apareceram primeiramente por volta de 1896 que traçamos a crônica de hoje. É que a história dessa Praça, onde hoje se eleva o monumento inspirado de Lelio Colluccini, ostentando em seu pedestal a data enganosa, falsa e mentirosa da fundação de Campinas, — 14 de julho de 1774 —, esse logradouro

que nas horas quentes da tarde e mesmo no começo da noite, é refúgio para os que gostam de serem salpicados por algumas gotas d'água de seu repuxo, esse lugar tem ainda o mesmo nome que sempre ostentou — isto é — Praça das Andorinhas por que ninguém poderia, sob pena de infringir lei ainda existente, mudar sua denominação.

Chamou-se também ela Praça Dr. Heitor Penteado, sugerida pelo povo, primeiramente em 23 de dezembro de 1937 e pela prestigiosa Sociedade Amigos da Cidade, ao tempo em que foi seu Presidente o Dr. Azael Álvares Lobo e Prefeito de Campinas o Dr. João Alves dos Santos.

A população toda de Campinas sempre apelidou aquele logradouro de Praça das Andorinhas, antes mesmo de ser promulgada a resolução municipal nº 627, de 26 de maio de 1921, quando era Chefe do Executivo o Sr. Rafael de Andrade Duarte, substituindo o antigo nome de Largo da Liberdade para o do grande campineiro que foi Heitor Teixeira Penteado, que chegou à Presidência do Estado de São Paulo. E todos sabemos que o primitivo nome foi dado ao local, em virtude de se situar ali a Casa das Andorinhas que dela fizeram ninho para suas noites em que despejavam, trissando, de suas gargantes, uma espécie de escachoar de cachoeira, não agressivo, mas suave e que chegava às vezes a se tornar poético.

É preciso que se saiba que o local onde está o monumento com a data mentirosa do bi-centenário de Campinas, começou a ter esse nome desde que as avezinhas azuis e brancas ali se instalaram, por volta de 1912, apossando-se, mesmo sem autorização da Cohab, do velho prédio onde funcionou o Mercadinho primitivo. Os dois nomes oficiais que tentaram lhe dar não pegaram, e de Largo do Mercadinho passou para o de Largo ou Praça das Andorinhas, que já estava no espírito e no coração do povo. Para mim, particularmente, o local sempre teve o nome de Largo das Andorinhas, embora sugestão da Comissão de História do Centro de Ciências, Letras e Artes, da qual me honrei em fazer parte ao lado dos srs. Celso da Silveira Rezende e Celso Ferraz de Camargo.

É que existe uma resolução da Câmara Municipal de Campinas que diz — "Fica deliberado de uma vez para sempre, acabar com o sistema de alterações dos nomes de ruas, nomes referentes a cidadãos por isso que a medida que pretende elevar uns, deprime outros, quando todos são igualmente filhos da mesma Pátria e quiçá bem intencionados".

Essa lei foi depois regulamentada por uma outra onde se lê... "enquanto for razoável os nomes dados pela tradição ou pelas gerações passadas, as diferentes ruas e placas devem ser respeitadas".

E não me consta que tais resoluções fossem revogadas. Por isso mesmo a Praça ou Largo ainda se chama Praça das Andorinhas, mesmo porque, tradição não se improvisa.



## PRAÇA GUILHERME DE ALMEIDA

# Guilherme de Almeida: Cem anos do nascimento do grande poeta

MARIA THEREZA CAVALHEIRO

Guilherme de Almeida, "Príncipe dos Poetas Brasileiros", se fosse vivo, teria completado 100 anos de idade dia 24 de julho deste ano. O poeta, que era campineiro, faleceu em 11.7.69, na Capital paulista, de uremia, em sua casa na rua Macapá, 187, depois tombada e transformada em museu, hoje sob a orientação cultural do escritor Paulo Dantas.

O poeta era casado com a cearense Belkiss "Baby" Barrozo do Amaral, da sociedade carioca e, do matrimônio, ocorrido em 3.9.23, houve um filho, Guy Sérgio Haroldo Estevam Zózimo Barrozo de Almeida, nascido em 29.8.24.

Em 1907, Guilherme de Almeida formou-se em Ciências e Letras, e, em 1912, em Ciências Jurídicas e Sociais. Filho do juriconsulto Estevam de Araújo Almeida e de Angelina de Andrade Almeida, chegou a advogar algum tempo com o pai, mas sua vocação maior eram as Letras. Ocupou vários cargos públicos, como o de secretário da Escola Normal do Brás (1923/54). Presidiu à Comissão do 4º Centenário de São Paulo (1954). Foi presidente da Associação Paulista de Imprensa (1937/39).

Era detentor de numerosos títulos recebidos no Exterior e fez jus a medalha de ouro e diploma de primeira classe aos beneméritos da Escola de Cultura e Arte, da Itália.

Duas vezes acadêmico, foi empossado na Academia Paulista de Letras em 1929, e ano seguinte, na Academia Brasileira de Letras. Sucedendo a Olegário Mariano, foi eleito "Príncipe dos Poetas Brasileiros" em 16.6.58, por meio de concurso patrocinado pelo **Correio da Manhã**; o título lhe foi entregue em 16.9.59, durante um jantar oferecido pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira no Palácio das Laranjeiras.

Mas, além de poeta, Guilherme de Almeida era jornalista, cronista, tradutor

(especialmente de francês, latim e grego), desenhista e um profundo conhecedor de cinema e de heráldica.

Pelos seus 50 anos de poesia, Guilherme de Almeida foi homenageado, em 4.6.68, pela Câmara Municipal de São Paulo. Recebeu medalha de ouro com sua efígie do governador Abreu Sodré.

Sua obra, entre poesia e prosa, incluindo literatura infantil, traduções e peças de teatro, somam mais de 70 volumes. Seu primeiro livro, "Nós", foi lançado em 6.6.1917. Embora tivesse nascido sob influência do parnasianismo, foi um dos promotores da Semana de Arte Moderna. Apesar do forte colorido modernista que imprimiu a seus versos, especialmente em "A Fruta que perdi - Canções Gregas", "Meu" e "Raça", o poeta sempre se manteve fiel à sua formação humanística. Inovou na Literatura, sem extremismos.

De sua vasta obra poética, destacam-se ainda: "A Dança das Horas", "Messidor", "Livro de Horas de Sôror Dolorosa", "Encantamento", "Simplicidade", "Poesia Vária" e outros, incluídos em "Toda a Poesia" (seis volumes); "Pequeno Romanceiro", "Rua", "Rosamor", "Os Sonetos de Guilherme de Almeida".

Em prosa, destacam-se: "Théâtre Brésilien", em colaboração com Oswald de Andrade; "Natalika", "Gente de Cinema", "O Meu Portugal", "A Casa", "Histórias, Talvez...", "Cosmópolis".

Dentre as traduções: "Eu e Você", de Paul Géraudy - poesia; "O Gitanjali" e "O Jardineiro", de Tagore - prosa poética; "Poetas de França"; "Flores das Flores do Mal" de Baudelaire - 21 poemas; "As Palavras de Buda" - prosa; "A Antígone de Sófocles" - drama em versos; "Jornal de um Amante", de Simon Tygel - prosa; "Arcanum", de Niles Bond - poesia,

Em heráldica, basta lembrar que, de parceria com José Washt Rodrigues, foi o responsável pelo brasão da cidade de São Paulo. Fez muitos outros brasões e emblemas, também em parceria com Renato Zamboni. Orientou o vitralista Conrado Sorgenicht Filho na parte heráldica e histórica de vitrais, como no caso dos enormes 34 painéis executados para o salão "Padre Manoel da Nóbrega", do Hospital São Joaquim, da Real e Benemerita Sociedade Portuguesa de Beneficência de São Paulo.

Guilherme de Almeida estava sempre pronto a incentivar os jovens; amava os cães (sempre tinha um de estimação), as árvores (a preferida era o plátano) e as flores (especialmente a rosa). Sua lembrança ficará para sempre no coração, não só dos paulistas, mas de todos os brasileiros.

(Do jornal "Correio Popular" de 15-agosto-1990)



3

GUILHERME DE ALMEIDA - Nasceu em Campinas, em 24 de julho de 1890, sendo filho de Dr. Estevão de Almeida. Criança, seguiu para S. Paulo, educando-se no Colégio S. Bento e no de N.S. do Carmo., ingressando a seguir na Faculdade de Direito, colando grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais em 1912. Ainda moço foi redator do "Estado de S. Paulo", ali criando a coluna de crítica cinematográfica. Conquistou outros postos, tais como: Secretário da Escola Normal de S. Paulo; pertence à Academia de Letras; ao Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo; a Union Cultural Universal de Sevilha; ao Seminário de Estudos Galegos de Santiago de Compostela; recebeu a Ordem de Cristo e a Ordem de Santiago da Espada, ambas de Portugal.

É um dos revolucionários da poesia brasileira, e desde 1922, vem imprimindo a esse gênero nova forma e novo vigor. Seu nome ao lado de de Graça Aranha, Manoel Bandeira, Ronald de Carvalho, Menotti Del Picchia, figura na galeria da "Semana da Arte Moderna", de S. Paulo.

Em 6 de março de 1930 foi eleito a Academia Brasileira, na vaga de Amadeu Amaral. Foi diretor da "Folha da Manhã", e da "Folha da Noite", cargos que deixou em 1945.

É o autor da poesia existente no "Túmulo do Soldado Constitucionalista de Campinas, morto em 1932." (ver - Campinas-Dados Históricos e Estatísticos - pag. 37 - a poesia.)